

verdade, sua atenção insistente cuida em colher, na pradaria imensa onde florescem as dúvidas e os enigmas o ramo discreto com que ele deseja comparecer ante os emissários luminosos do Além.

Às vezes, as risadas estrugem, em redor, acesas pelo anedotário da região.

Fulaninha, ainda uma vez comparece, na anedota do casamento:

“Fulaninha arranjara um marido, depois de espalhar, pela região, que possuía 20 bois, vinte porcos, etc., tudo na mesma conta, mas tudo também inexistente. Casada, partiu para o lar e a lua-de-mel, dizendo, do trem, com um aceno, aos que ficavam na estação:

– Boa viagem, feliz regresso!...

Fulaninha, entretanto, parece que estranhou um pouco a vida de casada. Tanto assim que, pouco depois, escrevia para as suas amigas:

– Que diferença da casa paternal para a casa maridal!...

Enquanto assim era relembrada a Fulaninha, no irrequieto papel que lhe tocara para a comédia humana, detinham-se nisto as nossas cogitações:

– Onde estará a Vida, na morte ou na vida?...

Uma série de perguntas

Pouco depois, no quarto, quinze minutos antes da sessão, debruçamos-nos definitivamente sobre o papel e sobre o mistério e traçamos estas quatro perguntas:

- Continua a alma a lutar pelo seu aperfeiçoamento, na vida do Além?
- Está o mundo subconsciente subordinado às funções corporais?
- Esclarecei-nos sobre o fenômeno do Sonho.
- Podereis elucidar-nos sobre os instintos e suas variedades?

Escrevemos cada pergunta numa página. Metemos no bolso as quatro folhas dobradas.

E partimos como o grego antigo no rumo de Delfos.

CHICO XAVIER PSICOGRAFA, DIANTE DO REPÓRTER, A RESPOSTA A UMA NOVA PERGUNTA

ESPIRITUALISTAS CONTRA MATERIALISTAS –
“NÃO ME FALES DA MORTE, ILUSTRE ULISSES...”
PELA ESCADA MARAVILHOSA DA PRECE –
TODAS AS PERGUNTAS RESPONDIDAS

Max, o “amigo do espaço”, resume em vinte linhas um assunto vasto como a própria ciência!

PEDRO LEOPOLDO, 16 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Concorridíssima também a segunda sessão espírita a que assistimos na casa de José Cândido. Quando ali chegamos, cerca das 20 horas, encontramos, além de numerosas pessoas de Pedro Leopoldo, várias outras de Belo Horizonte, entre as quais o coronel Anísio Fróes e o major Benedicto de Mello Franco, da Força Pública de Minas; e, de Sete Lagoas, entre outras os Srs. Francisco Teixeira, conhecido banqueiro; José Macedo, promotor; Geraldo Bhering, advogado; e José Affonso Vianna, médico.

Entre os presentes, de Pedro Leopoldo, vemos ali os Srs. Maurício Azevedo, coletor federal; Romero Carvalho Filho, farmacêutico e proprietário; Annibal Belizário, Theodoro Vianna, Leopoldo de Mello, José Vianna Braga, Fausto Joviano, e mais alguns negociantes, proprietários e funcionários.

Como da outra vez, estava a casa repleta, e, ainda como da outra vez, José Cândido, ativo e cordial, se esforça por acomodar a assistência na exigüidade de sua residência pobre.

Quando chegamos, lá já estava Chico Xavier; e prepara-se rapidamente a mesa para a sessão a iniciar-se dentro de poucos minutos.

A queixa de Aquiles

Na sala, também oficina de seleiro, onde se agrupa, ainda, a maior parte da assistência, a palestra segue animada sobre o tema da hora e do local. Não se estabelecem propriamente discussões; de quando em quando, entretanto, as pontas afiadas do debate rasgam o estofado nobre das frases. E reacende-se ali, num lampejo rápido, para continuar a consumir depois, a velha contenda: materialistas contra espiritualistas, monistas contra dualistas, razão pura contra misticismo. A eterna porfia da devoção e da análise – paralelas espirituais que, sem dúvida, como linhas da teoria euclidiana se hão de encontrar e confundir no infinito...

Não faz mal que seja a sala pequenina, apenas a modesta oficina de um seleiro do sertão. Não faz mal que estejamos, ali, tão distanciados, no tempo e no espaço, dos filósofos e de suas querelas. Kant e a sua crítica arrasadora; Hegel e o seu Deus-Idéia, potencial da realidade; Lotze, com a sua lógica; tudo está lá, para trás de Bergson, com quem já se pode admitir a existência de um Deus. Ao fim da rajada tremenda da análise e da crítica, alguma coisa ainda ficou de pé: – a dúvida, que, para alguns, se vai diluindo nas convicções confortadoras; e, para outros, espraia-se definitivamente na negação. E agora ali, no meio da animação da sala exígua, quando os vivos se dirigem para o locutório de onde se escuta a palavra “silenciosa” da Morte, eis que nos ocorre, não saberíamos bem dizer por que estranha associação de idéias, a resposta da alma de Aquiles a Ulisses, na passagem famosa:

– ‘Quando eras tu vivo, Aquiles, nós te venerávamos como um deus; e, agora, tu comandas todos os mortos. Tal como aí estás, e ainda que morto, não te lamentos, Aquiles!’ Eu falava assim e ele me respondeu: ‘– Não me fales da morte, ilustre Ulisses! Eu preferia ser o obreiro humilde que serve, por salário, do que comandar, na morte, aqueles que já não existem’.

Ponha as perguntas aqui

Apenas chegáramos, falamos ao José Cândido:

– Temos aqui algumas perguntas. Deverão ser elas apresentadas antes ou durante os trabalhos?

– Estão escritas?

– Sim.

– Então, por favor, cheguem até aqui.

E José Cândido leva-nos para a peça contígua onde se realizará a sessão.

A mesa ainda está vazia, sob a toalha branca.

Tiramos as perguntas do bolso e escolhemos, delas, duas apenas. Pareceu-nos que seria exagero apresentá-las todas.

Entregamos a José Cândido as duas folhas, que ele estende na cabeceira da mesa, no lugar de onde dirigirá os trabalhos. Nesse momento, Chico Xavier aproxima-se, já para ocupar a sua cadeira. Percebe, talvez, que estivéramos a escolher estas perguntas e, apontando para as duas folhas que ainda temos nas mãos:

– E essas?

– Ah! É que nós tínhamos composto várias perguntas. Pareceu-nos, porém, que seriam muitas para uma sessão.

– Não, não – acode ele, com seu sorriso sem malícia – o senhor pode pôr essas também aí, na mesa, com as outras. Pediremos resposta para todas. Se vier, bem; se não, paciência... em todo caso, tenta-se, ué!...

E as quatro perguntas juntaram-se, na cabeceira da mesa, à espera da palavra do Além.

Iniciam-se os trabalhos

Ao mesmo tempo, José Cândido convida os assistentes a tomarem lugar no pequeno cômodo.

A mesa, ou melhor a “corrente”, está assim formada: José Cândido, Chico Xavier, coronel Anísio Fróes, Nelson Penna, Fausto Joviano, Nancy Penna e senhorita Carmosina Penna.

Em redor a assistência acomoda-se, em silêncio, e concentra-se na prece que José Cândido dirige aos “cimos resplandescentes” e com que as almas daquele grupo de humildes sofredores se prostram aos pés do Pai Misericordioso.

E a palavra humana, de ordinário tão pesada e rústica, assume como

que a leveza e o esplendor de um sopro luminoso, naquela invocação de esperança e de fé. Estendida assim, no ar, a escada de Jacob da prece coletiva, ouvimos que por ela acima lança, José Cândido, as perguntas que fizéramos.

Depois, silêncio no ambiente. Mais se inclinam as cabeças, cerram os olhos, elevam as almas. Os homens aguardam, debruçados, a visita dos emissários luminosos das alturas insondáveis.

Um minuto talvez, e a mão do “médium” dá o primeiro sinal. Depois, entra a correr sobre o papel, com a rapidez habitual. Os “Amigos do Espaço” atenderam à nossa invocação. E, pela escada maravilhosa da prece, que não cessa mesmo sob as bocas mudas, descem agora as respostas que pedíramos.

Correndo, o lápis vence o campo virgem da folha branca, sob as próprias linhas da pergunta que grafáramos. Quando chega ao pé, José Cândido vira-a. Esgotado o espaço da outra página, o lápis volta ao alto da página já escrita, rápido sempre, ansioso quase como um pensamento que se não quer perder a si mesmo e busca a imagem imperecível das palavras. E é já sobre as linhas em que grafáramos a pergunta que vem cair esta assinatura: Max.

Em seguida, são respondidas, pelo mesmo Max, as demais perguntas.

Versos

O lápis estaca um momento. Alguém batera à porta, quebrando o silêncio.

Retardatários que chegam.

Agora, novas folhas virgens vão ser entregues ao “médium”, para as mensagens espontâneas. José Cândido convida os assistentes a rubricarem as páginas; esses, porém, dispensam, cortesmente, a formalidade.

Reforça-se de novo a “corrente” e as comunicações se restabelecem.

O “médium” psicografa versos.

Virtuosismo

Sete ou oito páginas ficam logo cheias de estrofes.

Depois, o lápis, contrariando o processo normal da escrita, como que se rebela e começa a grafar da direita para a esquerda, como o fazem certos povos do oriente.

O que ele vai escrevendo apresenta-se inteiramente incompreensível para os assistentes. Há até um ligeiro sussurro de surpresa.

– Será árabe? – ouvimos que uma voz cicia a um ouvido, ao lado.

O lápis estava, por fim, no pé da página, no último traço de uma assinatura arresvesada.

O “médium” abandona-o então. A prece de encerramento ergue-se agora, como um novo sopro luminoso e suave. Estão concluídos os trabalhos.

E, ansiosamente, como da outra vez, a assistência põe-se a examinar a produção.

“A vossa ciência não conhece o homem integral”

As nossas perguntas, como dizíamos, tiveram todas a sua resposta.

A primeira que caiu sob o lápis do “médium” foi esta:

– Está o mundo subconsciente subordinado às funções corporais?

E a resposta foi assim psicografada ao pé da indagação:

– “O mundo subconsciente não se acha subordinado à função de nenhum órgão. Ele representa a súpula dos conhecimentos do ser, em suas existências passadas, consubstanciada na inteligência operosa e criadora. Ele é a câmara secreta onde todas as experiências se arquivam para emergirem em futuro próximo ou longínquo. A vossa ciência não conhece o homem integral, porquanto o esquecimento a que se acham submetidos os encarnados não deixa que se possa entrever a alma total. A subconsciência é o mundo da alma em sua existência extra-terrestre.

Podeis conceber isto ponderadamente. O aparelho respiratório existe no feto que dele se não serve, em virtude do meio não comportar o seu uso. Ele, porém, está latente no homem embrionário. Assim são as faculdades espirituais. Não aparecem na nossa vida comum, porquanto o ambiente atual ainda não as comporta, mas estão no seu estado latente para emergirem, futuramente, em toda a sua plenitude.

– Max.”

Bezerra de Menezes?

Enviaremos a seguir as outras respostas. Antes, porém, de encerrarmos a correspondência de hoje queremos assinalar ainda o seguinte:

Concluída a recepção das mensagens, nos comunicou o “médium” ter ouvido de “Max”, que este se chamara em vida, Bezerra de Menezes. *

(*) Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), grande vulto do Espiritismo brasileiro, com o pseudônimo de Max escreveu no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro – na época o periódico de maior tiragem do Brasil –, de 1887 a 1894, aos domingos, uma série de artigos sob a legenda “Espiritismo – Estudos Filosóficos”, que foram enfeixados em livro, de três volumes com o mesmo título. (Nota do Org.)

19

A NOITE SENSACIONAL EM CASA DE JOSÉ CÂNDIDO – ONDE SE ENCONTRA KRISHNA-MURTI – O PROBLEMA DO PRESENTE – MONSTROS DE ONTEM, HOMENS DE AGORA – A LAPIDAÇÃO DO INSTINTO – SONO, SONHO, SONAMBULISMO

O humilde caixeiro de Pedro Leopoldo de novo escreve para este mundo a palavra de sabedoria do “país das sombras invisíveis”...

PEDRO LEOPOLDO, 16 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Na reportagem que enviamos pela mala de hoje, incluímos já a resposta a uma das quatro perguntas apresentados pelo repórter ao “médium”, durante a sessão de ontem, à noite, na casa de José Cândido.

Enviaremos, agora, as respostas dadas às outras três perguntas, que eram as seguintes conforme dissemos já em correspondência anterior:

- “Continua a alma a lutar pelo seu aperfeiçoamento na vida do Além?”
- “Podereis elucidar-nos sobre os instintos e suas variedades?”
- “Esclarecei-nos sobre o fenômeno do Sonho.”

Relembrando

A fim de poupar, àqueles que estejam porventura acompanhando a nossa reportagem, o trabalho de ler nossa correspondência anterior, lembraremos, em poucas palavras: que as referidas perguntas foram compostas, pelo repórter, quinze minutos antes do início da sessão, isto é, no